

A RESISTÊNCIA PORTUGUESA EM SÃO PAULO: O JORNAL *PORTUGAL DEMOCRÁTICO* E A COLUNA “O OBSCURANTISMO SALAZARISTA” (1964 - 1970).

THAÍS TEIXEIRA DIAS DA CONCEIÇÃO*

Este artigo pretende discutir sobre a resistência portuguesa ao regime salazarista através do jornal *Portugal Democrático*, mas principalmente tem como objetivo demonstrar a visão de um desses imigrantes políticos colaborador deste periódico de nome Joaquim Barradas de Carvalho. Sua coluna chamada “O Obscurantismo Salazarista” foi parte do jornal durante os anos de 1964 até 1970.

Em primeiro lugar é importante uma explicação sobre o *Portugal Democrático*. O jornal foi fundado em 1956, por alguns dos exilados portugueses na cidade de São Paulo, e teve a sua circulação até o ano de 1975. O jornal tinha como pretensão informar a comunidade portuguesa imigrada para o Brasil e para outros países, os acontecimentos referentes ao salazarismo. Em seu primeiro número o *Portugal Democrático* deixa claro quais são suas posições e pretensões:

*Perante o aparecimento nas bancas de mais um jornal para os portugueses do Brasil, o leitor certamente perguntará se esta publicação tem uma política e qual missão pretende cumprir. A resposta a estas perguntas cabe em meia dúzia de palavras e constitui todo o nosso programa: a política que pretendemos realizar e a missão que temos a cumprir são, pura e simplesmente **servir o Portugal Democrático com verdade e independência**. Sabemos que, se seguirmos à risca tal programa, não nos faltaram leitores, entre os portugueses de boa vontade, espalhados por este Brasil, e os brasileiros que se interessam por Portugal que desejam um órgão que os informe com objectividade, com verdade, com honestidade, sobre toda a situação do nosso país. A cultura portuguesa, que nas últimas décadas tantos atentados tem sofrido, merecer-nos-á especial carinho... (PORTUGAL DEMOCRÁTICO, página 1, julho de 1956.)*

Este trecho onde os editores escrevem sobre suas posições esclarece os objetivos e as preocupações que apareceram no jornal durante seus quase 20 anos de publicações. Durante

* Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Bolsista CAPES-parcial

todo esse período uma das grandes preocupações do jornal, já explicitada do trecho acima, foi a questão da cultura, e principalmente da censura e da repressão que esta sofreu durante os anos da ditadura portuguesa.

É neste quadro de preocupação com a cultura que se encaixa a coluna “O Obscurantismo Salazarista”, escrita pelo historiador português Joaquim Barradas de Carvalho, que dedica-se a expor os problemas pelos quais passaram os intelectuais portugueses, mostrando principalmente que a perseguição sofrida por esses intelectuais, acabou prejudicando Portugal e principalmente suas universidades. E também outros casos de repressão a cultura e a intelectualidade portuguesa. Estas questões presentes na coluna serão aprofundadas posteriormente.

A imigração e o *Portugal Democrático*

Uma das questões historiográficas importantes que esta pesquisa evoca, é de que os estudos de imigração para São Paulo têm se concentrado em outros grupos de imigrantes, que não portugueses, como por exemplo, italianos e japoneses. Já os estudos sobre portugueses têm sido centrados na cidade do Rio de Janeiro. A historiografia existente sobre a imigração portuguesa para a cidade de São Paulo privilegia certos momentos históricos onde a leva de imigrantes foi maior, como na época do pós-abolição e com o início do trabalho livre e remunerado quando houve uma grande onda migratória, e nas épocas de guerra (1º e 2º Guerras Mundiais). (MATOS, 2013:34-35)

Como sabemos a imigração portuguesa para o Brasil existe desde o seu descobrimento, durante todo este período houveram picos de imigração. Entre 1901 e 1930 houve a maior entrada de portugueses no Brasil, chegando a 754.147 imigrantes¹. Já na década de 30 houve uma diminuição da imigração causada pelas medidas restritivas que passaram a vigorar no Brasil. Passado este momento, a partir de 1945 a imigração é retomada e por conta da industrialização paulista, São Paulo então passa a ser o grande polo de atração para imigrantes.

Acredito podermos diferenciar a imigração portuguesa em dois tipos, o primeiro de imigração econômica e o segundo de imigração política. Podemos dizer que até a década de 50 a maior parte dos portugueses saiu para o Brasil por motivos econômicos, a partir de 1950 cresce

¹ Dados do INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: 2000.

muito o número de imigrantes que vem para cá por motivos de ordem política, mas obviamente não estamos generalizando que cada um destes tipos aqui colocados só aconteceu nesses determinados períodos, ambas existiram concomitantemente. O perfil desses imigrantes também se diferencia, o chamado imigrante econômico é em geral o homem que viaja sozinho, analfabeto, que vem para trabalhar nas lavouras de café. Enquanto o imigrante político na maioria das vezes é o estudante, ou o intelectual que vem para trabalhar nas universidades, ou em grandes jornais.

A partir de meados do século XIX surgem no estado de São Paulo associações de caráter assistencialistas para estes imigrantes, como as Santas Casas e as Beneficências Portuguesas. Já com a chegada do século XX surgem associações com preocupações mais ligadas a valores culturais e políticos, como por exemplo, a Casa de Portugal e o Centro Republicano Português (FREITAS, 2006:148). A casa de Portugal surge com o intuito de unir nela várias das associações portuguesas já existentes na cidade, além de prestar assistência à comunidade em várias esferas, e promover a cultura e o idioma português. O Centro Republicano Português mostrou sua importância se tornando o aglutinador da resistência no exílio paulista, e esta acabou criando o *Portugal Democrático* (SILVA, 2010:114). E que após a Revolução dos Cravos, se transformou em outra instituição de nome Centro Cultural 25 de Abril, que existe até hoje mantendo vivas as lembranças da luta anti salazarista no exílio e reivindicando causas da comunidade portuguesa, um exemplo recente que pode ser citado é a incorporação do Dia 25 de Abril (dia que marca Revolução Cravos) no calendário oficial da cidade de São Paulo.

Com a industrialização de São Paulo começam a se destacar outros tipos de trabalhadores além dos que iriam para o trabalho nas fazendas de café, entre eles trabalhadores ligados à imprensa, como jornalistas, ilustradores, fabricantes de papel, e também intelectuais e líderes operários. Com isto surge um tipo de imprensa voltada para estas comunidades. A imprensa imigrante formada no Brasil, foram os jornais que mais do que dar notícias adquiriram uma função social, que como as associações ou os clubes ajudavam a preservar a cultura dos imigrantes.

Sobre a função dos jornais imigrantes Marcelo Cintra de Souza explica:

Percebe-se que a vocação dos periódicos passa a ser a preservação da língua e dos valores culturais da terra de origem. Notícias da terra natal ganham maior destaque que as dos núcleos coloniais, e o jornal colonial passa a ser o fio condutor do espírito vivo da nacionalidade, transformando-se no porta-voz do amor à pátria por seus filhos distantes. Além da função de revivificador das raízes deixadas no além-mar, o

jornal dos imigrantes incorpora outras, como as de órgão assistencialista, de formação moral, de divulgador cultural... (SOUZA, 2010:25)

As publicações da comunidade portuguesa em São Paulo datam a partir 1897. A importância da imigração portuguesa para São Paulo se torna clara já que os jornais portugueses, dentre os de outras comunidades imigrantes, tinham melhor estrutura e levando em conta sua tiragem competiam com os jornais nacionais.

Dentre estes jornais aparece o *Portugal Democrático*, que se diferencia dos demais jornais da comunidade pela sua crítica política, e se diferencia também dos outros jornais de crítica política pela sua longevidade e abrangência. Apesar de sofrer dificuldades o jornal acabou sendo um dos veículos anti salazaristas mais importantes e com maior circulação do mundo. Mesmo sendo editado em São Paulo circulava por diversas capitais brasileiras, e também era enviado a outros países, como por exemplo, Uruguai, Venezuela, França, EUA, Canadá, países onde a comunidade portuguesa era significativa, e chegava clandestinamente até mesmo a Portugal. Ele se tornou um importante veículo de informação para os portugueses anti salazaristas do mundo, sendo o periódico referente a assuntos portugueses que circulou por mais tempo fora de Portugal e que não foi afetado pela censura salazarista. Nem mesmo em 1964 com o golpe militar no Brasil o jornal sofreu algum tipo de censura, seu corpo editorial acabou optando por não se envolver em assuntos da política brasileira para não entrar em conflito com as autoridades deste país. Mas muitas das pessoas que colaboravam com o jornal acabam se afastando com medo das possíveis repressões. (RAMOS, 2004:114-115)

O *Portugal Democrático* tinha uma longa lista de colaboradores, em suas páginas escreveram tanto portugueses como brasileiros podemos citar entre ambos, figuras importantes como, Vitor Ramos, Fernando Lemos, Jorge de Sena, Joaquim Barradas de Carvalho, Adolfo Casais Monteiro, entre os portugueses e entre os brasileiros, Ligia Fagundes Telles, Antônio Candido, Florestan Fernandes, Carlos Guilherme Mota, entre muitos outros. O jornal além de ter matérias escritas por vários intelectuais, também reproduzia algumas matérias publicadas por outros jornais, dos mais variados países, desde que tivessem se posicionando contra o regime totalitário português.

Como já foi dito uma das preocupações principais do jornal se referia a repressão a cultura, e juntamente com isso aparecem as perseguições aos intelectuais, entre outras questões. Estas foram preocupação recorrentes de vários editoriais do jornal e principalmente da coluna escrita por Joaquim Barradas de Carvalho, de nome “O Obscurantismo Salazarista”.

“O Obscurantismo Salazarista” de Joaquim Barradas de Carvalho

Joaquim Barradas de Carvalho foi um dos muitos intelectuais perseguidos pelo regime salazarista, era historiador e escritor, mas as vistas do salazarismo era principalmente um membro do partido comunista. Iniciou seu exílio na França, mais precisamente em Paris, onde se tornou doutor em Estudos Ibéricos pela Sorbonne. Esse período de exílio influenciou toda a sua obra posterior. Em Paris foi fortemente influenciado pela escola dos *Annales*, e se tornou discípulo de Braudel (MOTA, 1944:290).

Em 1964 Barradas troca Paris por São Paulo para lecionar na Universidade de São Paulo, ele acreditava que para entender Portugal era necessário vir ao Brasil e para entender o Brasil era necessário ir a Portugal, e este talvez tenha sido um dos motivos que o levou a deixar a França. Como muitos dos intelectuais portugueses exilados na cidade, ele se junta aos seus compatriotas e amigos para escrever no *Portugal Democrático*. Em nota do dia 06/07/1964 o jornal anuncia sua chegada: “Ingressou no Conselho de Redação de “*Portugal Democrático*” o destacado democrata prof. Joaquim Barradas de Carvalho, catedrático de História Ibérica da Universidade de São Paulo. No próximo número iniciaremos a publicação de uma série de artigos seus subordinado ao tema “*Obscurantismo Salazarista*” (*PORTUGAL DEMOCRÁTICO*, página 8, julho de 1964). Além da publicação destes artigos também foram escritas por ele várias outras matérias do jornal, quase todas sem serem assinadas.

O próprio nome dado a coluna já nos diz quais são suas intenções. A palavra obscurantismo segundo dicionário significa: “Ausência de conhecimento, ignorância; Mentalidade ou ação contrária ao esclarecimento da massa, considerando-se esse um perigo social” (AURÉLIO, 1993) é certamente mostrar essa “política da ignorância” promovida pelo salazarismo que Barradas pretende com esta coluna. Esta definição vai de encontro com as palavras do autor, em um trecho de uma das colunas ele define o que entende por obscurantismo:

... nem o actual governo português tem nada a ver com a ciência, nem a ciência tem nada a ver com o actual governo português. A verdade, a verdade científica, é algo de subversivo para o actual governo português. A procura de algo novo, a pesquisa ao serviço do homem, percorrem um caminho que não pode interessar ao actual governo português, cuja base é a falsificação, a mentira, a apologia da esclerose nos domínios intelectuais, o obscurantismo, em suma. (PORTUGAL DEMOCRÁTICO, página 2, janeiro de 1965.)

Nas duas primeiras séries de artigos com o título: “Os Quadros Universitários” e “A Investigação Científica”, Barradas lista inúmeros professores universitários demitidos ou impedidos de lecionar pelo governo autoritário, e por vezes demonstra casos específicos de personagens da intelectualidade que sofreram com as perseguições do regime salazarista. O autor procura mostrar que todas essas figuras foram perseguidas pelo simples fato de serem intelectuais. Isto para corroborar sua ideia de incompatibilidade entre a ciência e o autoritarismo, como podemos ver no trecho citado a cima.

Na série seguinte de artigos chamada de “Os Escritores” a preocupação do autor continua a ser de mostrar a repressão sofrida pelos intelectuais, mas agora utilizando o caso do fechamento da Sociedade de Escritores Portugueses, e a censura sobre livros. Em um destes artigos Barradas faz uma comparação entre a censura salazarista e o Santo Ofício. “E para finalizar com os ecos que nos chegam do “paraíso salazarista”, podemos acrescentar que, para que o Portugal de Salazar se assemelhe de muito perto do Portugal dos tempos do Santo Ofício, não falta mesmo a fogueira, das dezenas de milhares de livros apreendidos, no pátio do edifício da PIDE, à rua Antonio Maria Cardoso...” (*PORTUGAL DEMOCRÁTICO*, página 2, agosto de 1965). Nesta passagem Barradas mostra o seu lado historiador, trazendo questões do passado para o presente, além de demonstrar seu conhecimento histórico.

Detenhamo-nos agora na produção historiográfica e na carreira acadêmica de Barradas de Carvalho. Em 1946 graduou-se em História e Filosofia pela Universidade de Letras da Universidade de Lisboa. Em 1961 tornou-se doutor em Estudos Ibéricos pela Universidade de Paris, e em 1964, foi convidado para lecionar na Universidade de São Paulo. Barradas era um historiador das mentalidades, sua importância na Universidade de São Paulo é justamente por ser um dos intelectuais que ajudou a introduzir a história das mentalidades no Brasil. Além disso ele soube combinar o pensamento dos *Annales* com o pensamento marxista. Carlos Guilherme Mota em um artigo sobre Joaquim Barradas, explica sua importância “Com Barradas ficava definitivamente plantada uma *nova linhagem de História das Mentalidades na historiografia brasileira*” (MOTA, 1994:292).

Falando então sobre sua produção escrita, no exílio no Brasil produziu duas obras importantes: *Rumo de Portugal (A Europa ou o Atlântico)* e *O Obscurantismo Salazarista*. Em *Rumo de Portugal* o autor volta a época da expansão marítima para discutir se Portugal deve voltar para a Europa ou para o Atlântico, a proposta apresentada no livro é de que Portugal deve voltar para o Atlântico com a criação de uma comunidade luso afro brasileira. Já o livro *O Obscurantismo Salazarista* é uma compilação de escritos dele para o *Portugal Democrático*,

que inclui não somente as colunas já citadas, mas também outras publicações dos jornais não assinadas. Além destes outra publicação importante a se ressaltar é *Da História Crônica à História Ciência*, diferente dos outros esse é um livro de teoria histórica, que mesmo após sua morte foi muito utilizado nas universidades portuguesas.

Retomando a questão das colunas publicadas no *Portugal Democrático*, estas fizeram parte do jornal durante seis anos, mas sua publicação não acompanhou todas as edições do jornal, durante esse período a coluna apareceu no jornal 17 vezes.² Os outros escritos de Barradas no jornal, aparecem temas diferenciados dos já trabalhados constantemente na coluna. Alguns escritos são sobre o assassinato do General Humberto Delgado, ou sobre outras figuras importantes, mas de modo geral seus escritos para o jornal tinham uma inclinação para as questões culturais e intelectuais. Além disso foram transcritas algumas palestras dadas por ele em eventos, como a comemoração de 5 de Outubro (dia que se comemora a República Portuguesa), ou a conferência sobre o Fascismo Português na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Nos escritos de Barradas de Carvalho o regime salazarista aparece como fascista. É importante destacar que existe na historiografia uma discussão sobre caracterizar ou não o salazarismo como um dos fascismos Europeus do século XX. Não é pretensão deste artigo tecer tal discussão, mas é preciso perpassá-la visto que, aos olhos de Barradas de Carvalho e de muitos dos outros opositores do regime o salazarismo se encaixa nas características do fascismo. Em seus escritos Barradas compara mais de uma vez o Portugal Salazarista à Alemanha Nazista: “Em mais de trinta anos de regime salazarista a universidade portuguesa tem sofrido golpes só comparáveis aos sofridos pela universidade alemã nos tempos de Hitler, pela universidade italiana nos tempos de Mussolini, ou pela universidade espanhola no período de instauração do regime de Franco”. Neste trecho, ele não compara apenas com o regime alemão, mas com todos os regimes chamados de fascistas. Em outro diz: “Para finalizar estas linhas, lembremo-nos de que a fogueira de livros também foi método usado na Alemanha Nazi, na Alemanha de Adolfo Hitler. Também nos lembramos que no Portugal de Salazar houve luto nacional pela morte do ditador Nazi”. Esta é a visão de Barradas de Carvalho sobre o regime de Salazar, um regime fascista, como os outros ocorridos na Europa.

² A coluna “O Obscurantismo Salazarista” aparece nos jornais: nº85, agosto de 1964; nº86, setembro de 1964; nº87, outubro de 1964; nº90, janeiro de 1965; nº91, fevereiro de 1965; nº92, março de 1965; nº94, maio de 1965; nº95, junho de 1965; nº96, julho de 1965; nº97, agosto de 1965; nº98, setembro de 1965; nº106, maio de 1966; nº109 agosto de 1966; nº111, outubro de 1966; nº115, fevereiro/março de 1967; nº122, outubro de 1967; nº125, janeiro de 1968.

Por fim, suas últimas colunas no Portugal democrático foram dedicadas a alguns dos opositoristas do regime, os títulos das colunas eram os nomes de quem elas se referiam, Abel Salazar, Flavio de Rezende , Zaluar Nunes e Antônio Sergio.

Barradas de Carvalho deixou o Brasil em 1970 de volta a França onde continuou seu exílio. Sobre sua saída do Brasil e do corpo editorial do *Portugal Democrático*, o jornal explica:

A convite do Centro National de la Recherche Scientifique da França, onde vai realizar importantes pesquisas históricas, partiu para Paris, no início de Fevereiro, o nosso companheiro de redação Joaquim Barradas de Carvalho que durante vários anos foi responsável pela cadeira de História Ibérica na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Todos quantos trabalham em “Portugal Democrático”, embora orgulhosos pela honra com que foi distinguido Barradas de Carvalho não podem deixar de lamentar a perda do convívio cotidiano com o companheiro de redação que tantos serviços prestou ao combate travado no Brasil contra o salazarismo e o caetanismo e que tão alto soube erguer na Universidade de São Paulo o prestígio da cultura e da historiografia portuguesas. (PORTUGAL DEMOCRÁTICO; página 8, janeiro/fevereiro de 1970.)

Ao fim do regime autoritário português, Barradas retorna a Portugal, que ainda não tinha seu novo governo constituído. Poucos anos depois, em 1980 falece, sem ter seu valor como revolucionário reconhecido. Mas seu valor como intelectual foi reconhecido, até mesmo por grandes intelectuais como Fernad Broudel, que sobre Barradas escreve:

Terei eu razão de lastimas por Joaquim Barradas de Carvalho, vítima de seu país e de sua época? Um historiador português, para além de tudo navega na história fantástica de sua pátria e continua, com os gloriosos navegadores, a descobrir o mundo. Mas houve na vida movimentada e por vezes amarga de Joaquim, compensações para o intelectual apaixonado que era. Teria de outro modo sido o historiador magnífico que ele se tornou? Eu digo frequentemente que não se compreende Portugal senão no brasil. Isso é mais verdadeiro ainda, e de longe, para ele do que para mim..(MOTA, 1994:295).

Referências Bibliográficas

CARVALHO, Joaquim Barradas. *Rumo de Portugal (A Europa ou o Atlantico?)*. Lisboa: Livros Horizonte, 1974.

FREITAS, Sônia Maria de. *Presença Portuguesa em São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

HACKER, Alexandre; MATOS, Maria Izilda; SOUSA, Fernando de; (Orgs.). *Deslocamentos & Histórias: Os Portugueses*. Bauru: EDUSC, 2008.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Portugueses: Deslocamentos, Experiências e Cotidiano. São Paulo Séculos XIX e XX*. Bauru: EDUSC, 2013.

MOTA, Carlos Guilherme. *Joaquim Barradas de Carvalho*. In *Revista Estudos Avançados*, 1994.

OLIVEIRA, Fábio Ruela de. *Trajetórias Intelectuais no Exílio: Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena e Vítor Ramos (1954-1974)*. Tese de Doutorado. UFF, 2010

QUEIROS, Guido Fabiano Pinheiro. *Os Espelhos de Barradas de Carvalho. Crônica política e historiografia de um exilado*. Dissertação de Mestrado. PUC-Rio, 2008.

RAMOS, Ubirajara Bernini. *“Portugal Democrático” Um Jornal da Resistência ao Salazarismo Publicado no Brasil*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP, 2004.

SILVA, Douglas Mansur da. *A Ética da Resistência: os exilados anti-salazaristas do “Portugal Democrático” (1956-1975)*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 2000.

SILVA, Douglas Mansur da. *O exílio e a memória da “resistência”: antissalazaristas do Portugal Democrático*. In. BIANCO, Bela Feldman. (Org). *Nações e Diáspora. Estudos comparativos entre Brasil e Portugal*. Campinas: Editora UNICAMP, 2010.

SOUZA, Marcelo Cintra de. *A Imprensa Imigrante. Trajetória da Imprensa das Comunidades Imigrantes em São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.

TORGAL, Luís Reis. *O Estado Novo. Salazarismo, Fascismo e Europa*. In: TENGARRINHA, José (org.). *História de Portugal*. Bauru: EDUSC, 2001.